

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

A MORAL RELIGIOSA SOB A LIBERDADE: MEMÓRIA DE “(EX) PLOQUES” DO OIAPOQUE DO TEMPO DO GARIMPO

Carlos Cariacás¹

RESUMO

O presente trabalho procura resgatar a memória de (ex-) prostitutas da cidade do Oiapoque do tempo do garimpo. A problemática passa pela busca de entender como se dava a coexistência entre a autodeterminação da escolha pela prostituição e a moral religiosa. É usada na metodologia a entrevista semi-estruturada e, para a interpretação dos dados, é gerada unidades de sentido com base na comparação das respostas provocadas pelas entrevistadas. O caminho teórico é feito mediante as contribuições do feminismo liberal. O resultado: a prostituição foi um ato de autodeterminação frente a dois caminhos (ou viver na miséria ou apostar em uma vida futura melhor que passaria temporariamente pelo meretrício) e elas tinham plena consciência e assumiram o ônus da escolha; a liberdade praticamente não entra em choque com a moral religiosa porque, na maioria das vezes, esta é posta em plano inferior.

Palavras-chave: Prostitutas. Moral religiosa. Liberdade. Oiapoque.

ABSTRACT

This work aims to reassemble the memory of (ex)prostitutes of Oiapoque town at the time of the prospecting. A problematic step in search to understand how the coexistence between self-determinism to opt for prostitution and established religious morality was. A semi-structured interview methodology was used and, to interpret the results, units of feeling we're generated based on comparing answers given by those interviewed. The theory was made by way of the contentions of liberal feminism. The result: prostitution was a self-deterministic act in front of the two options; live in misery or to bet on a better life in the future via the red light district. They were completely conscious of their choice and took on the onus of it, the freedom didn't bear on their religious moral as, in most cases, it was held in lower regard.

Keywords: Prostitutes. Religious morality. Freedom. Oiapoque

Introdução

O município do Oiapoque (localizado no extremo norte do Estado do Amapá, Brasil) carrega consigo a fama de ser terra esquecida pelo Estado, lugar de passagem marcado pelo garimpo e espaço propício para a prostituição. Quem por lá aparece vindo, sobretudo, do sul e sudeste do país imagina ser uma paragem ao estilo banguê-banguê a italiana, marcada pela prostituição e tráfico de drogas. E isto se deve muito a televisão que colabora para a excentricidade do lugar com informações fantasiosas, na maioria das vezes. Mas nada disto se avista, para decepção dos que aportam com esperanças de conferir o exótico.

¹ Professor Adjunto na Universidade Federal do Amapá (Colegiado de Filosofia).

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Esta realidade (prostituição vultosa, drogas, ouro, etc.) já não pertence ao hoje, mas ao ontem. E este encontra pouca referência escrita. Por isso a nossa preocupação em resgatar o passado dando voz àqueles que viveram o cotidiano na época do garimpo.

A nossa inserção na comunidade oiapoquense impulsionou o interesse por fazer um levantamento da sua história recente. Justificando, desta forma, o resgate da memória local. E entre tantos casos sobre o velho-recente Oiapoque despertaram-nos a atenção as práticas da prostituição. Ouvindo relatos de “pirateiros” (homens que dirigem “clandestinamente” carros da cidade para a capital), de moradores antigos, de comerciantes, dos catraieiros... Em todas as falas despontava a presença da prostituição. Hoje, na cidade, esta não se faz de maneira vultosa. No passado havia vários bordéis, porem hoje não passam de dois com pouquíssimas profissionais do sexo. A prostituição é essencialmente um fenômeno das cidades. Na medida em que estas prosperam chamam para si todos os tipos de trabalhadores e, entre estes, aparecem mulheres e homens para o ofício dos desejos. “A definição fundamental de uma prostituta, segundo a Igreja, era a que foi cunhada por São Jerônimo no começo do século V: “Uma meretriz é aquela que se encontra disponível para atender os desejos de muitos homens” (RICHARDS, 1993, p. 123)”.

Dentre os moradores que habitam a mais tempo na cidade está Valter Garcia (39 anos, cabelereiro vindo de Cianorte – Paraná) que está desde 2002. Valter nos ofereceu muitas informações sobre a vida das prostitutas no Oiapoque da época do Garimpo. Foi graças a ele que conhecemos algumas “(ex) ploques”.

Ora, qual o propósito desta pesquisa?

Resgatar a memória de mulheres que viviam da prostituição na época em que a cidade se sustentava economicamente da prática da garimpagem do ouro. Sabíamos que a cidade, outrora, foi muito marcada pela presença de meretrizes. Todavia, por outro lado, nos deparamos com uma forte presença de igrejas evangélicas no espaço urbano. E por esta conjuntura veio ao pensamento: como estas duas realidades antagônicas coexistiam? Elas se chocavam? Dialogavam? Silenciavam? Faziam de conta de que não existiam mutuamente? Afinal, o cristianismo é assinalado por uma moral fortemente repressora da sexualidade humana. Restrições morais fazem parte do processo de controle dos corpos e do patrimônio das convenções do que é ou não verdadeiro. E este é um dado de suma importância uma vez que os papéis hierárquicos serão definidos por este parâmetro. De modo que moral é saber! Sobre este procedimento escreve Srour Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 5, número 2, edição de Dezembro de 2016

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

(1994, p. 06) que o detentor da informação brinca de ser Deus, monopolizando a informação e decidindo, pelos outros, o que diz ser o bem. Minimizando, dessarte, o direito à cidadania dos demais (uma vez que esta é prerrogativa exclusiva do detentor do saber).

O discurso moral se encontra no centro do processo ideológico seja do Estado, da Igreja ou de qualquer organização. Por meio dele se legitimam práticas. Incluem e excluem comportamentos e estes têm a ver com o protótipo de homem e mulher que se quer constitui no meio social. Por isso, as práticas de moralidade carregam consigo como que uma força que impulsiona ou retarda determinados campos da vida (SROUR, 1994, p. 03). No Brasil, de modo peculiar no referente à sexualidade, a moralidade cristã sinalizou fortemente o olhar das pessoas sobre como lidar com o “certo e o errado” diante da problemática (SANTOS, 2014, p. 30). E por estes fatores é que saltaram para esta pesquisa alguns questionamentos como, por exemplo: como as prostitutas de então lidavam com a moral religiosa frente a sua liberdade de viver suas práticas sexuais? A moral incidia sobre a vida das prostitutas a ponto de trazer-lhe mal estar moral?

Eram muitos questionamentos e poucas respostas. E é sobre esse pouco que nos desdobraremos.

Ora, os agrupamentos religiosos, geralmente, são identificados por uma moral muito contundente. Leia-se aqui, intervencionista na vida de terceiros (RICHARDS, p. 1993). Mediante este contexto veio à curiosidade e, dessa forma, o problema da pesquisa: como se situava a moral religiosa na vida daquelas marcadas pela escolha da prostituição?

Quanto aos procedimentos metodológicos levei a cabo o uso da entrevista semiestruturada. As perguntas usadas estão abaixo:

1) Fale sobre seu histórico: quando começou e o que a levou a prostituir-se?
2) Como era o Oiapoque na época do garimpo?
3) Como era a presença da religião por aqui? - Muito ou pouco forte? - Qual o seu nível de interesse pessoal quanto à religião aqui instalada. - Nível do interesse religioso das prostitutas que frequentavam os bordéis.
4) Como você conciliava internamente a moral e a religião frente à prostituição?

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

5) Antes e depois do garimpo você se dedicou a práticas religiosas em igrejas?

6) Na época o que pesava mais: a liberdade de fazer o que fazia ou a moral e a religião?

Segundo Mendes (2003), a entrevista semiestruturada tem a importância de não se restringir ao indivíduo, mas de levantar a inserção deste indivíduo no contexto social. Seguindo a proposta de Mendes (2003) a feitura da entrevista permite flexibilidade para o entrevistador avançar em tópicos que apareçam ao longo do trabalho e que ele observa como importante se deter. De forma que esta flexibilidade possibilita que o entrevistador se surpreenda com outros posicionamentos outrora não pensados.

De modo que o presente trabalho se insere na proposta de resgatar a memória mediante a chamada História oral que é

[...] é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (PORTELLI, 1997, p. 15).

Longe de ser um mero resgate individual, a História Oral se baseia na ideia de que qualquer memória implica no encontro do indivíduo com o social, o cultural. Portanto, a memória individual sempre reflete a memória do coletivo (de um modo ou de outro). É por isto que a pesquisa busca cruzar os relatos das entrevistas gestando unidades de sentido com vista a discutir a presença do coletivo nelas manifesto.

As unidades de sentido serão confrontadas com a literatura especializada sobre a temática da prostituição e a sua relação com a liberdade (autodeterminação) e a moral religiosa.

Para expor o relatado é usada a técnica empregada pelos escreventes policiais – que se pauta pela objetividade do exposto.

Religião, moral e liberdade: a medida da oposição

O tema da liberdade perfaz o itinerário da identidade da prostituição. O feminismo radical (datado do final do século XIX) considera a prática um atentado contra a liberdade das mulheres; argumentam que o tráfico de mulheres nasce da disseminação do uso sexual comprado. No trânsito da temática está o uso que se faz da pornografia feminina. Segundo pesquisa de Osborne (2002) as feministas têm impetrado Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 5, número 2, edição de Dezembro de 2016

esforços para combater a disseminação da pornografia por acreditar que esta é uma forma que disseminar ideologias misóginas (prejudiciais a dignidade feminina). As discussões feministas avançaram no século XX e a prostituição, assim como a pornografia, recebeu outras interpretações (não tão rígidas como as do século XIX). Começaram a se centrar na temática da autonomia do corpo em relação aos regimes da moral civilizadora do estado e da Igreja.

Essa reivindicação pela autonomia do corpo encontrou a sua origem no início dos anos 1970, com os movimentos feministas a favor do aborto, retomada, em seguida, pelos movimentos homossexuais. Visto desta forma, naquela década, o corpo é investido como um direito das minorias e um desejo de liberdade, tornando-o “o lugar de soberania do sujeito”. Dentro dessa lógica, o traço corporal traduz a independência do indivíduo em relação ao social, ao mesmo tempo a vontade de dispor de seu corpo como bem-entender e de afirmá-lo como uma “identidade escolhida” (NOVAES, 2011, p. 483).

Na mesma senda, o feminismo liberal dos anos 80 e 90 (século XX) afirma ser a prostituição um ato de autodeterminação (de liberdade). Tido como um trabalho qualquer (BARRETO, 2008, p. 82). Portanto, sinônimo da liberdade individual das mulheres. E é por esta perspectiva (a do feminismo liberal) que emolduramos esta pesquisa. A escolha desta moldura se fez pelo percurso das entrevistas concedidas. Percebemos nas falas da (ex-) prostitutas a presença de sentidos de emancipação da moral religiosa em relação a prática profissional. De modo que o diálogo com o contexto teórico do feminismo liberal se torna o mais profícuo.

A prostituição não era tida pelas entrevistadas como ausência de liberdade. Ora, era pensada como via para tirar os obstáculos que a vida lhes trouxera. De maneira geral, a ideia de liberdade também salta nas falas e na memória dos antigos moradores. Estes citam a época do garimpo como se fosse a idade do ouro (nos dois sentidos que a palavra comporta). Era uma terra de oportunidades, que acolhia a todos. Valter tem uma expressão hilária, mas que segundo ele é verdadeira: “tudo o que o Brasil rejeita o Oiapoque aceita”. Para a cidade vieram pessoas de todos os cantos do país buscar a sorte e muitos a encontraram e depois a perderam.

É comum ouvir da boca dos moradores da época do garimpo uma exaltação a liberdade antes existente na cidade. Liberdade sem obstáculos, ausentes da atuação da polícia, de controles estatais e sociais, de fiscalização. É o típico exemplo de teorias que pregam a absoluta possibilidade de liberdade humana quais, ser livre é “[...] decidir e agir como se quer, sem qualquer determinação causal, quer seja (ambiente em que se vive), quer seja interior (desejos, caráter) (ARANHA, MARTINS, 1999, p. 299)”. Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 5, número 2, edição de Dezembro de 2016

Constatamos esta presença em uma série de situações. Por exemplo, um senhor, dono de um pequeno hotel (mostrando indignação), dizia que hoje o Estado aprisiona o cidadão, que anos atrás andava livremente armado pela cidade e a polícia não o importunava. Garimpeiros mais velhos reclamam da falta de liberdade para trabalhar visto a vigilância do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente). Homens que frequentavam os “piseiros” (lugares e casas de festas) dizem que antigamente não havia o Conselho Tutelar e que agora, em tom de lamúria, as meninas “mais novas” deixaram de frequentar os eventos.

Ora, a ideia de liberdade como a antítese da lei e das possibilidades de viver o prazer são fornecidos pelos antigos moradores de maneira corriqueira. E isso nos levou a pensar como que era possível coexistir “tanta liberdade” em um lugar com tantas igrejas evangélicas. Uma vez que a religião cristã comumente é acusado pelo secularismo como sabotadora da vida humana e de tudo aquilo que lhe é pertinente no tangente ao gozo (DI MATTEO, 2008).

Por outro viés, a religião e a moral andam juntas, assim como irmãs siamesas. É sabido do grande esforço que o cristianismo fez para construir um protótipo de homem centrado em uma concepção de liberdade pela qual a moral religiosa se constituía como seu fundamento (RICHARDS, 1998). Por esta senda, ser livre é se manter no caminho seguro da orientação moral religiosa. De modo que esta foi tida por muitos pensadores da filosofia moderna (vide Nietzsche, Sartre e outros) como inconciliável com a liberdade humana.

O relato das “ploques”

A língua carrega suas marcas. Inicialmente ouvíamos a palavra “ploque”, mas não sabíamos o que queria dizer. Ouvíamos também o termo “paca”; falavam sobre “comer a paca”. Um dia, em meio a muitos risos, pessoas falavam do “comer paca” e aí é que veio aos nossos ouvidos o sentido da palavra - que dizem ser expressão amapaense para a designação popular de vagina. E neste mesmo dia tomamos ciência que “o ploque” é o ato de se prostituir e “a ploque” é a prostituta.

Valter Garcia estabeleceu as pontes necessárias para a realização desta pesquisa. Uma vez que conhecia muitas mulheres que se prostituíam; como cabeleireiro cuidava da beleza das moças que moravam e trabalhavam nas boates. Valter possui uma veia antropológica nata que sinaliza na sua compreensão da cultura oiapoquense de maneira

sui generis. Afirmou que as atuais prostitutas do Oiapoque não vivenciaram o garimpo e que as antigas, já casadas, não queriam contar o passado. Que o esquecimento era a opção para salvaguardar as famílias que constituíram.

Passado algum tempo, Valter conseguiu agendar entrevista com três (ex)-ploques. Foram as que se dispuseram para a pesquisa. De modo que conhecemos a Fernanda, a Larissa e a Bia.

Outras se recusaram e o motivo foi o de que formaram família e queriam que o passado ficasse em seu devido lugar, sem assombrar e envergonhar o presente.

Fernanda

O primeiro questionamento foi sobre a história de vida. Fernanda chegou em 2002, na época tinha 22 anos e hoje está com 34. Começou a se prostituir por necessidade. Tem dois filhos que não moram com ela, mas diz que sempre lhes envia dinheiro. Terminou a 5ª. Série do Ensino Fundamental. Sobre a prostituição reflete que ela leva a vários caminhos como, por exemplo, as drogas e a ambição. Diz que era muito vaidosa, que adquiriu joias. Comprou uma casa, mas que vendeu porque estava bebendo demais. Construiu um bar que era muito frequentado por gays e lésbicas. Também montou uma barraca de caipirinha. Que continuou a se prostituir. Afirma que não gostava de se prostituir. Que a mãe também já foi prostituta no garimpo de Serra Pelada. Que chegou ao cabaré por convite de uma mulher. Conta também que casou, mas o marido batia muito nela.

Quanto ao segundo questionamento, sobre o Oiapoque na época do garimpo, conta que por aqui não tinha lei; que as ruas não eram asfaltadas. Que tinha muita prostituta. Que a energia elétrica era precária: “era uma semana com luz e outra sem”. No cabaré trabalhavam 20 mulheres, a maioria por necessidade e outras para ganhar mais dinheiro.

Quanto ao terceiro questionamento, sobre a presença religiosa na cidade de então, recorda que não havia muitas igrejas. Que elas começaram a aparecer depois de 2010. Que não sentia interesse religioso porque não havia incentivo por parte dos religiosos. Diz que hoje vai à igreja para a oração do meio dia toda a vez que é convidada.

Quanto ao quarto questionamento, sobre a conciliação interna da moral e da religião frente a prostituição, diz que quando pensava em sua condição de ploque

“sempre lembrava da [Maria] Madalena por ser ela prostituta”. Afirma que nunca sentiu mal-estar diante de Deus pelos seus atos. Que somente sente mal-estar ao pensar em seus filhos, não queria que eles descobrissem, tinha medo de sofrerem *bullying* na escola caso viesse à tona sua condição de trabalho. Relata que na época não saía na rua devido o preconceito.

Quanto ao quinto questionamento, sobre a dedicação a práticas religiosas antes e depois da prostituição no Oiapoque, diz que só vai à igreja quando Deus toca em seu coração. E isto acontece de repente. “É automático, ou vai ou não vai”.

Quanto ao sexto questionamento, sobre o que pesava mais na época: a liberdade de fazer o que fazia ou a moral e a religião? Testemunha que não se sentia livre para andar nas ruas; não ia a igreja por medo dos fiéis comentarem sobre sua condição de vida. Diz ser filha adotiva e o que fez foi só seguir os passos de sua mãe biológica. Esta também foi prostituta e hoje é manicure. Fernanda teve o mesmo percurso. Lembra que a “mãe verdadeira” era amiga de programa de sua mãe adotiva.

Larissa

Quanto ao primeiro questionamento, sobre a história de vida, Larissa relata que é originária de Tucuruí (Pará); partiu para o Oiapoque com outra colega e se embrenharam para o garimpo (ficando dois meses até pegar malária). Tinha 19 anos em 2006; quando chegou ao Oiapoque se desesperou sentindo vontade de ir embora. Todavia, já se prostituía antes, começou aos 14 anos. A família era pobre e passava por necessidades. Porém, em casa nunca recebeu qualquer incentivo para a prática da prostituição. A mãe sempre estava doente e precisava de cuidados; um dia um pescador ofereceu R\$100,00 – muito dinheiro para a época visto que o programa custava R\$20,00- e ela aceitou. Conta que após o ato chorou e vomitou, teve nojo de si.

Quanto ao segundo questionamento, sobre o Oiapoque na época do garimpo, conta que quando chegou na cidade o impacto da garimpagem se findava, mas que ainda corria dinheiro. Deteve-se em relatar a vida das ploques no Oiapoque. Estas se endividavam muito. Tinham que dar lucro para a casa (bordel) e por isto eram obrigadas a consumir bebidas. Conta que uma das mulheres, já muito endividada, ficou doente e a cafetina a mandou embora. Ela também se endividara, mas que conseguiu sanar a dívida. Testemunha que era enviada para trazer garotas para a prostituição. Quando estas chegavam logo se envolviam na trama do endividamento. Demoravam para pagar

e permaneciam por mais tempo naquela vida. Tinha uma amiga, a Odete, que vivia dizendo não gostar de “fazer ploque”, mas que a necessidade a obrigava. Testemunha que todas queriam sair.

Quanto ao terceiro questionamento, sobre a presença religiosa na cidade de então, Larissa diz que não havia muitas igrejas. Que elas não tinham interesse por práticas religiosas; que nos bordéis não se comentava sobre religião.

Quanto ao quarto questionamento, sobre a conciliação interna da moral e da religião frente a prostituição, diz que nunca sentiu peso na consciência porque a necessidade de sobreviver era o que pesava. Que o seu grande prazer sempre foi o de ajudar a sua mãe. Outro grande prazer era o de receber o dinheiro pelo programa.

Quanto ao quinto questionamento, sobre a dedicação a práticas religiosas antes e depois da prostituição no Oiapoque, Larissa comenta que outrora, por ser nova, não se importava com religião e que hoje tem interesse, mas que não tem peso de consciência em questões de moralidade sexual. Atualmente frequenta a *Igreja Mundial do Poder de Deus*. Porém, não gosta de “crentes que discriminam”. Diz que na *Mundial* não há discriminação. Ia nesta Igreja quase todos os dias, mas como agora trabalha só frequenta aos domingos.

Quanto ao sexto questionamento, sobre o que pesava mais na época: a liberdade de fazer o que fazia ou a moral e a religião, Larissa sempre fez o que desejou fazer, assim afirma. Que a liberdade sempre pesou mais que religião e moral. Que já “botou chifre no marido” (referindo-se a relações extraconjugais) e que isto nunca a incomodou, que sempre fez o que lhe interessava. Que a liberdade financeira ajuda a ser o que ela é. Porém, acha que se tivesse um filho se interessaria mais por moral para não dar mal exemplo.

Bia

Quanto ao primeiro questionamento, sobre a história de vida, Bia recorda que chegou ao Oiapoque com 16 anos, mas dizia ter 18 anos para poder trabalhar. Isto em 2003. É originária de Belém (Pará) e que por lá “era muito atentada”. E de Belém fugiu porque uma gangue a queria matar. Diz que era da classe média e que não tinha necessidades financeiras. Nunca ligou para a família, assim disse.

Quanto ao segundo questionamento, sobre o Oiapoque na época do garimpo, comenta que todos os bares de dia e de noite estavam lotados. Que o euro estava em alta

e por isto um programa custava entre R\$200,00 a R\$300,00 chegando a pagarem até R\$2.000,00 no máximo. Lembrando que o Oiapoque faz divisa com a Guiana Francesa e que antigamente muitos homens cruzavam a fronteira em busca de serviços sexuais na cidade.

Quanto ao terceiro questionamento, sobre a presença religiosa na cidade de então, relata que não tinha tantas igrejas. Que tinha a Igreja Católica na qual participava das missas aos domingos. Diz que o padre não discriminava e que ia ao cabaré rezar com elas. Que as mulheres locais achavam que as ploques eram uma ameaça e por isso não as queria na praça junto com as famílias. Que estas mulheres outrora foram ploques e que, uma vez casadas, passavam a discriminar as ploques na ativa. Comenta que a maioria das ploques eram católicas. Relata que no cabaré discutiam religião; acusava os crentes de mentirem e serem preconceituosos.

Quanto ao quarto questionamento, sobre a conciliação interna da moral e da religião frente à prostituição, reconhece que a sua consciência pesava. Sabia que a prostituição era um erro. E sabia disto porque ia a Igreja e ouvia na leitura da Bíblia a condenação ao meretrício. Afirmou: “A gente vai pro inferno mesmo. Fazer o quê?”

Quanto ao quinto questionamento, sobre a dedicação a práticas religiosas antes e depois da prostituição no Oiapoque, diz que continua a se relacionar com a religião da mesma forma como outrora já fazia.

Quanto ao sexto questionamento, sobre o que pesava mais na época (a liberdade de fazer o que fazia ou a moral e a religião) observa que sempre se sentiu livre. Diz que se casou com uma mulher e que isso nunca a incomodou moralmente.

Análise dos dados

Analisarei os dados segundo a proposta de gerar unidades de sentido ao cruzar as falas das entrevistadas. A intenção é oferecer para o registro da memória o máximo possível de informações. As unidades que rastreamos foram: a necessidade; laços familiares fortes e, por fim, quando a moral e a religião se tornam secundárias.

A “necessidade”

Comumente as pessoas são tentadas a pensar o quanto de liberdade aquelas e aqueles que se prostituem aplicam em sua escolha. Não dá para negar que a ação de se

prostituir, para algumas, é uma escolha, mas o ato também divide consigo a imposição das necessidades. E estas, na vida dos que passam por privação, se apresentam muitas das vezes como um imperativo. Como fugir ao que engole e dilacera a própria vida? Negociar com a vida e com o que ela oferece se torna a solução. Não passa pela cabeça das entrevistadas o ideal do martírio conforme apregoado pelo cristianismo na máxima do “antes morrer do que pecar” (conforme dizia São Domingos Sávio, patrono da juventude e modelo de castidade). A morte é tudo aquilo que as entrevistadas não querem. Bia fugiu da morte que seria iminente em Belém. Larissa entrou na prostituição para ajudar sua mãe a driblar o sofrimento da doença; era a vida da mãe que ela prezava e não a morte. Fernanda queria uma vida melhor; seus desejos (ter uma casa, manter os filhos, exercer a sua vaidade) são impulsos de quem está vivo e quer se manter assim. Em resumo, todas se refugiaram na prostituição por necessidade de se manterem vivas.

Poderiam ter optado pela miséria (Larissa e Fernanda) e pelo perigo de perder a vida (Bia), mas exerceram a sua liberdade de escolha naquilo que a sua condição feminina, marcada por perigos e limites socioeconômicos, permitia que assim o fizesse. Foi o que relataram: ou escolhiam a miséria completa ou arriscariam na esperança de mudar. E a esperança, por mais triste que possa parecer, apresentou-se pela face da prostituição. Foi uma aposta corajosa na possibilidade de mudar. As entrevistadas não viam a prostituição como fim, mas como meio pelo qual poderiam creditar vida para o futuro. Tanto é assim que Fernanda se reconhece na história de superação de sua mãe que, assim como ela, foi prostituta e depois manicure.

A liberdade para escolher não é de caráter automático e impensado. Requer reflexão, maturidade cognitiva, psíquica e social. Todavia, juridicamente a liberdade para escolher recai sobre o critério da idade (PACHECO, 2012, p. 27). Fernanda se inclui segundo esse critério legal. Entretanto, o mesmo não ocorreu com Larissa, que começou a se prostituir aos 14 anos, assim como Bia que, para se prostituir, dizia ter 18 anos enquanto que, na verdade, tinha 16 anos. No entanto, o direcionamento para viver da prostituição foi, segundo as entrevistada, um ato deliberado de sua vontade com vista à necessidade. Sabiam o que comportava assumir tal tipo de vida. Observamos isso no momento em que Larissa diz que, com os seus 14 anos, ao se prostituir pela primeira vez vomitou ao chegar a casa. Sentia nojo, mas logo este foi substituído pelo prazer de ajudar a mãe adoentada e pelo dinheiro que recebia dos programas. A sobrinha de Larissa, que hoje está com 19 anos, também se prostitui e conta o mesmo que a tia: que

não sente prazer com o programa e que o seu único contentamento é o dinheiro que entra em seu bolso.

Muitas das pessoas marcadas pelo signo da miséria, tanto material quanto cultural, estão longe de contemplarem saídas além daquelas que o seu meio, rústico na maioria das vezes, apresenta. Foi o que aconteceu com as entrevistadas. Eram muito jovens. Viram-se obrigadas a emitir uma escolha frente a duas situações bem claras: ou viver na miséria ou a de se prostituir. E por esta última optaram. Não eram escravas sexuais no sentido próprio do termo (PACHECO, 2012, 16).

Todo ser é determinado por condições que nem sempre são manipuláveis como, por exemplo, a época em que nasceu, os pais, a etnia, a classe social. E estes condicionamentos são decisivos para sua construção moral (ARANHA; MARTINS, 1998, p. 298). De modo que a compreensão da moralidade é retirada do puro exercício intelectual para o caótico exercício das contingências cotidianas.

Laços familiares fortes

Exceto Bia, as demais entrevistadas têm os laços familiares como nicho afetivo e gerador de sentido para a vida. A sobrevivência da adoentada mãe está acima do nojo de Larissa ao se encontrar com os corpos dos desconhecidos que buscavam prazer. O sonho de oferecer para os filhos o que nunca teve é o que moveu o trabalho de Fernanda. Os corpos alheios eram mirrados por sua finalidade: o dinheiro (sinônimo de vida para si e para os seus). Larissa diz que sentia prazer com o dinheiro e não com os homens.

O preço pelos laços familiares se reflete como o centro da moralidade de Fernanda e Larissa. Fernanda comentou que se satisfaz por ter saído e vencido a vida de prostituição. Que hoje a sua grande alegria é andar de cabeça erguida sabendo que as pessoas têm ciência de que ela tudo superou, que tem uma profissão. Apesar de não ter a guarda de seus filhos ela confessou emocionada que a grande satisfação é pensar que eles sabem que, mesmo ausente, ela se preocupa e os ajuda a se manterem financeiramente.

Larissa relata seu amor pela mãe, demonstrando no teor de sua voz a incondicionalidade deste.

Quando a moral e a religião se tornam secundárias

A moral e a religião se apresentam como realidades secundárias na vida das entrevistadas. Mesmo Bia que demonstra forte teor de moralidade repressiva - uma vez que, segundo ela (por causa da prostituição): “A gente vai para o inferno mesmo. Fazer o quê?”. Diz “saber ser errado”, mas não oferece pistas sobre o trânsito de seu pensamento sobre a questão. Tanto é assim que relata ter casado com uma mulher e não sentir mal-estar por isto. Podemos encontrar na voz de Bia a presença da moral católica no momento em que pronuncia o “a gente vai pro inferno mesmo”. Ela recorda que frequentava a Igreja, que sabia que a Bíblia condenava a prostituição. Bia é reflexo do quanto a memória não é algo restrito a individualidade da pessoa. Esta faz parte do construto teórico social. Enquanto católica ecoa o ensinamento eclesial marcado por sinais do condicionamento da sexualidade ao estado matrimonial. É o que nos lembra Santos sobre o direcionamento moral da Igreja no Brasil na primeira metade do século XX e que ainda hoje é uma constante na forma do brasileiro religioso pensar os limites da sexualidade:

A insistência na ética familiar e sexual, a hierarquia eclesiástica desejava construir bases sólidas para o enfrentamento das mudanças socioculturais que ocorriam no Brasil. Como a família necessitava ser estável, o casamento era defendido como um vínculo indissolúvel, mas essa preocupação com a estabilidade conjugal não tornava menos pernicioso o conhecimento sobre a sexualidade. Sendo assim, quando os estudos médicos a respeito da sexualidade e em defesa da educação sexual começaram a ser publicados no Brasil, a reação da Igreja foi fortíssima. Inúmeras cartas pastorais foram escritas ridicularizando-se o caráter científico dos saberes sobre a sexualidade e os condenando como golpes à religião. (2014, p. 35)

Sendo inquerida sobre a vida das ploques Bia faz um relato ameno no qual as cafetinas aparecem como pessoas compreensivas e amigas. Contrastando, destarte, as informações de antigos moradores, assim como também as fornecidas por Fernanda e de Larissa. A amizade de Bia com as cafetinas teria amenizado seu olhar para os atos das donas de bordéis uma vez que em suas falas estão depositadas sinais de estima? É uma pergunta que fica no ar.

Larissa, por seu turno, acusa a situação degradante em que as ploques eram mantidas. Diz que testemunhou de perto o sofrimento de uma companheira e demonstrou indignação pelo ocorrido. Entretanto, relata que esteve incumbida de conseguir novas mulheres para a prostituição. Pela entrevista concedida não percebemos

se o reconhecimento moral do quanto sofria suas companheiras se dava somente no passado ou se era fruto de sua reflexão atual.

Larissa disse não se preocupar com questões de fundo moral, mas que se tivesse filhos seria diferente, pensaria no “bom exemplo” que deveria oferecer. Neste posicionamento se encontra uma dualidade no pensamento de Larissa que, sendo tão descolada dos padrões morais civilizatórios demonstra, de repente, uma volta ao apreço axiológico dos referidos padrões (DI MATTEO, 2008).

Ora, tanto Bia quanto Larissa manifesta princípios de uma moralidade ambígua. Bia por afirmar que a vida da prostituição se passava com tranquilidade – negando o sofrimento das ploques e insistindo na bondade das cafetinas enquanto que, ao mesmo tempo, reconhece que a prostituição é condenada pela sua crença. E Larissa, por seu turno, aponta uma possível mudança em seu comportamento moral caso tivesse filhos. Como explicar esta ambiguidade? Possivelmente recorrendo a construção histórica da moral no Brasil que “[...] entre tantos outros países, é um laboratório privilegiado para a análise da duplicidade moral (SROUR, 1994, p. 3)”. De forma que

Rastreia-se no Brasil uma dupla moral social: uma **moral da integridade**, a moralidade oficial, edificante e convencional, compondo uma retórica pública sobranceira que se difunde nas escolas, nas igrejas, nos tribunais e na mídia; e uma moral do oportunismo, a moralidade oficiosa, pragmática e interesseira, dissimuladamente praticada com intuítos particularistas ou como ação entre amigos e, muitas vezes, celebrada pela esperteza de seus procedimentos (SROUR, 1994, p. 12).

Alguns dos itens acima não estariam incorporados na exposição das entrevistadas? A gentileza das afirmativas benévolas de Bia quanto à ação das cafetinas (que eram suas amigas), que contraria o testemunho de catraieiros, ex-prostitutas, etc., não é sinal de um particularismo? Larissa que não via mal na prostituição, mas que mudaria de vida caso tivesse filho não reflete ausência de integridade quanto a sua convicção? São perguntas que fazemos e que não temos respostas.

Por outra sorte, observa-se a integridade moral nas reflexões de Larissa no instante em que demonstra compaixão pelo triste destino de suas companheiras na ocasião em que ficavam doentes e eram postas na rua pelas cafetinas (conforme relatou expondo um caso).

Ademais, em Larissa subjaz uma velha discussão por parte das feministas no tangente ao modo precário como a profissão das prostitutas é tratada: sem regulamentação legal. O descaso da cafetina para com as mulheres do cabaré se deve

justamente pela ausência de uma legislação. Marco Sardá Viera comentando sobre a pesquisa de Adriana Priscitelli (*Deslocamentos femininos e prostituição*) apresenta um panorama deste problema.

A noção do trabalho sexual, vista como uma categoria ocupacional reconhecida, surgiu a partir do ano de 1970, nos Estados Unidos. A ideia da prostituição como trabalho defende que as trabalhadoras do sexo possuem as mesmas condições que exigem conter as emoções no desempenho de suas atividades, similar ao trabalho das fisioterapeutas, enfermeiras e aeromoças. Contudo, a busca por atividades no sexo comercial continua percebida como meio de alcançar melhor qualidade de vida, no plano material e simbólico, principalmente entre trabalhadoras do sexo em condições de pobreza, racismo, preconceito e desigualdades de gênero (VIERA, 2015, p. 631).

O hilário do hodierno, se comparado com o passado, é que na Idade Média a prostituição era uma profissão regulamentada. A própria Igreja estabeleceu normativas sobre o seu exercício. Visto que para ela (segundo o pensar de Santo Agostinho) a prostituição era um mal necessário - “[...] algo cuja existência tornava possível manter padrões sexuais e sociais estáveis para o resto da sociedade (RICHARDS, 1993, p. 123)”. Ora, a lisura moral própria das instituições conforme salienta Srour (1994) não se faz presente nas evidências históricas de Richards (1993). A vivência da moral carrega, assim como no particular do cotidiano das pessoas, a marca da ambigüidade nas realizações institucionais. De modo que a ambigüidade moral é propriedade do momento histórico e das circunstâncias, sejam elas institucionais ou particulares. Bia, Larissa e Fernanda são reflexos dessa conjuntura nada mais nada menos que humana.

Em Fernanda algo similar ocorre, a moral é posta em segundo plano. O motivo disto é a ausência dos filhos. Estes estão longe, mas se estivessem perto a situação seria diferente, assim ela relata. Levando-nos a compreender que, assim como as escolhas, a moral se constrói pelas contingências temporais.

Considerações finais

Mediante o exercício de recordar o indivíduo expõe as estruturas culturais de um determinado povo ou grupo (DIEHL, 2002, p. 116-117). De modo que a memória é algo sempre vivo por ser uma atualização do passado. E este se realiza novamente pelas lembranças do entrevistado. O propósito primeiro deste trabalho foi o de resgatar a memória de (ex-) prostitutas. Os relatos expostos procuraram dar cabo desta tarefa.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Para esta pesquisa partimos do questionamento sobre como se dava a relação entre a moral e a religião sob o clima de liberdade que imperava no Oiapoque. Restringimos esta problemática ao estudo das prostitutas. Situando em que medida as prostitutas do Oiapoque da época do garimpo relacionavam a moral e a religião (sob a égide da ideia de moral religiosa) com a sua autodeterminação (liberdade de escolha) profissional. Tendo em conta o vultoso número de igrejas evangélicas.

Diante disso encontramos a seguinte resposta: a presença das igrejas evangélicas no Oiapoque é algo dado após a época do garimpo. Portanto, estas não se confrontaram moralmente com o exercício profissional das entrevistadas.

Por outra via, as entrevistadas falam de preconceitos por parte de mulheres casadas e que outrora foram ploques. Bia alega que as mulheres casadas impetravam o preconceito por medo de perderem seus maridos para as ploques na ativa. Fernanda muito sofreu com o preconceito, tinha vergonha de ser apontada na rua por essas mulheres (ex-ploques) e que viam nas ploques ativas o signo do perigo para seus matrimônios. A questão, portanto, para as mulheres casadas não era de fundo moral religioso propriamente, mas da necessidade de manter o casamento.

Todas as entrevistadas provieram da tradição católica. Esta se encontra presente no itinerário discursivo sobre a moral e a religião frente à liberdade de exercerem a profissão. Nas falas as entrevistadas minimizam o problema moral. Apegam-se a ideia de que não havia alternativa viável a não ser viver na miséria (Fernanda e Larissa) e sem ter alguém para oferecer o sustento (Bia que fugiu do refúgio familiar em Belém). Por isto a prostituição era o que tinham de gratificante financeiramente para aquele momento de suas vidas. Apesar de minimizar, no fundo, o problema da moral religiosa se faz presente em suas jornadas, só que maneira secundária. A subsistência material é o imperativo.

Tratando a prostituição como profissão indesejada, mas necessária, as entrevistadas percorreram a sua vivência sem perder a fé. E o percurso, desde o seu início, foi feito consciente e visceralmente. Neste sentido, o olhar das entrevistadas comunga com o posicionamento das feministas liberais sobre o uso da prostituição por parte das mulheres profissionais.

Fernanda já não se prostitui mais; trabalha de manicure. Larissa mantém uma união com um homem, mas diz que se precisar ela está aberta para “fazer um ploque”. Bia diz que não vê problema na prostituição. Foi pelas respostas dadas pelas duas últimas entrevistadas que inserimos o “(ex) ploques” no título da pesquisa.

Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 5, número 2, edição de Dezembro de 2016

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.
- DIEHL, Astor Antonio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DI MATTEO, Vincenzo. Moral sexual “civilizada” e doença moderna. **Perspectiva Filosófica** – Vol. II – nº 28, 2008.
- MENDES, J. **Perguntar e Observar não basta, é preciso analisar**: algumas reflexões metodológicas. Oficinas online. Lisboa, 2003. Disponível em: www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/oficina.php. Acesso em 14 ago 2015.
- NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: o corpo feminino e regulação social. In PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, 477-503.
- OSBORNE, R. **La construcción sexual de La realidad**: Un debate en La sociología contemporánea de La mujer. 2ª Edición. Madrid: Ediciones Cátedra, 2002.
- PACHECO, Maria Beatriz de Castro Tavares Monteiro. **O crime sexual com adolescentes** – reflexões críticas em torno do conceito de abuso na inexperience da vítima. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Católica de Portugal, 2012.
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.
- RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Trad.: Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- SANTOS, Fernanda Cássia dos. Gênero e sexualidade na censura católica na passagem do século XIX para o XX. **XIV Encontro Regional de História -1964-2014: 50 anos do golpe militar no Brasil**. Campo Mourão: Universidade Estadual do Paraná. 07 a 14 de outubro de 2014.
- SROUR, Robert Henry. Ética empresarial sem moralismos. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 3-22, 1994.
- VIERA, Marcos Sardá. Resenha sobre Deslocamentos femininos e prostituição. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 23, (vol). 2; 619-637, 2015.